

EM FOCO

MOVENDO-SE PARA DENTRO, PARA FORA, ATRAVÉS E ALÉM DAS TENSÕES ENTRE EXPERIÊNCIA E CONSTRUÇÃO SOCIAL NA TEORIA SOMÁTICA

*MOVING IN, OUT, THROUGH, AND BEYOND
THE TENSIONS BETWEEN EXPERIENCE AND
SOCIAL CONSTRUCTION IN SOMATIC THEORY¹*

*MOVIÉNDOSE HACIA DENTRO, HACIA FUERA,
A TRAVÉS Y MÁS ALLÁ DE LAS TENSIONES
ENTRE EXPERIENCIA Y CONSTRUCCIÓN
SOCIAL EN LA TEOR A SOMÁTICA*

DR.ª JILL GREEN

TRADUÇÃO: DIEGO PIZARRO, MARIA ALBERTINA SILVA GREBLER

1 Este artigo foi publicado originalmente em língua inglesa em *Journal of Dance and Somatic Practices*, Bristol, v. 7, n. 1, p. 7-19, 2015. Doi: 10.1386/jdsp.7.1.7_1. Reeditado aqui em versão traduzida e publicada com permissão da autora e da Intellect Press, UK.

GREEN, Jill.

Movendo-se para dentro, para fora, através e além das tensões entre experiência e construção social na teoria somática. *Repertório*, Salvador, ano 22, n. 32, p. **21-43**, 2019.1

DOI: <https://doi.org/10.9771/rv1i32.33438>

RESUMO

Este artigo é uma análise reflexiva dos movimento da autora através dos posicionamentos adotados entre diferentes teorias somáticas. Enquanto alguns teóricos e praticantes da Somática concentram-se nas questões do Eu e do conhecimento experiencial, outros movem-se para um universo mais pós-moderno considerando os corpos e a experiência somática como construções sociais. A autora narra sua trajetória através dessas teorias na direção de uma visão pós-moderna não-binária da Somática que não dispensa o papel da experiência. Duas narrativas servem como instrumentos por meio dos quais a autora confronta essas questões.

PALAVRAS-CHAVE:

Teoria somática.
Pós-positivismo.
Pós-modernismo.
Conhecimento experiencial.
Epistemologia somática.

ABSTRACT

This article is a reflexive analysis of the author's movement through the positions of different somatic theories. While some somatic theorists and practitioners focus on ideas of self and experiential knowledge, others are moving into a more postmodern realm by looking at bodies and somatic experience as social constructions. The author traces her movement through these theories and towards a non-binary postmodern view of somatics that does not dismiss the role of experience. Two narratives serve as a vehicle whereby the author wrestles with the issues.

KEYWORDS:

*Somatic theory.
Postpositivism.
Postmodernism. Experiential
knowledge. Somatic
epistemology. Science.*

RESUMEN

Este artículo es un análisis reflexivo de los movimientos de la autora mediante los posicionamientos de distintas teorías somáticas. Mientras algunos teóricos y practicantes de la Somática se concentran en las cuestiones del Yo y del conocimiento experiencial, otros se mueven hacia un universo más posmoderno al mirar hacia los cuerpos y hacia la experiencia somática como si fueran construcciones sociales. La autora narra sus movimientos mediante estas teorías y se dirige hacia una visión posmoderna no binaria de la Somática que no dispensa el papel de la experiencia. Dos narrativas sirven como herramientas a través de los cuales la autora confronta estas cuestiones.

PALABRAS CLAVE:

*Teoría somática.
Pospositivismo.
Posmodernismo.
Conocimiento experiencial.
Epistemología somática.*

TODA A MINHA VIDA PROFISSIONAL tem sido uma luta entre duas posições: a adoção do conhecimento experiencial, ao mesmo tempo em que concordo com as ideias pós-modernas que visam o corpo como uma construção sociocultural. Pedagogicamente, encorajo meus alunos a ouvirem seus corpos. Por outro lado, discuto a teoria crítica da educação e reconheço como os grupos marginalizados são frequentemente excluídos por visões universalizantes e essencialistas sobre os corpos. Minha agenda de pesquisa inclui métodos pós-positivistas e reflete ontologias e epistemologias pós-modernas. No entanto, eu uso a sensibilidade somática como uma ferramenta de pesquisa e acredito que seja útil descobrir como uma pessoa se posiciona corporalmente para poder verificar de que forma ela está sendo influenciada pelas construções sociais do corpo e da Somática como um campo de estudo.

Recentemente estive diante de dois dilemas profissionais onde fui obrigada a negociar com os binarismos que havia definido para mim mesma. Precisei seguir com cautela, porque eu não queria simplesmente romantizar uma relação de harmonia entre duas arenas filosóficas sem ressaltar as tensões existentes entre elas. No entanto, precisei percorrer os binarismos para chegar a uma configuração inclusiva que reconhecesse as diferenças e a importância de um posicionamento claro, enquanto cruzava os elementos de estruturas teóricas diferentes.

AS TENSÕES

Este artigo não se propõe a criar argumentos para a existência de binarismos tanto na visão de mundo experiencial como na visão de mundo pós-moderna. Em vez disso, utiliza-se da autonarrativa como um caminho para negociar as tensões nessas perspectivas que às vezes entram em conflito e se chocam.

Narrativa e autoetnografia são as principais ferramentas metodológicas nessa pesquisa pós-positivista. Apesar de não utilizar a ferramenta autorreflexiva para estudar a mim mesma em campo, através dessa abordagem busco compreender como minha própria narrativa pode explorar questões sobre a construção social do conhecimento. Portanto, eu sou meu próprio sujeito/participante em uma investigação sobre a construção de crenças sobre dança, Somática e vida. Eu utilizo a autonarrativa como uma ferramenta metodológica para explorar o pensamento teórico diverso. Nesse sentido, o objetivo é triangular teorias, não somente como uma ferramenta de validação, mas também como um meio de agenciar conhecimento. Assim, a intenção deste artigo é explorar as diferenças entre as teorias e desafiar minhas próprias agendas. A reflexão serve como um veículo para compreender teorias e aspectos diversos, como eles se aproximam e onde se separaram.

É difícil discutir categorias e fronteiras na pesquisa pós-positivista porque as fronteiras podem estar imprecisas e as teorias justapostas criam novos significados. Mas categorias e constructos podem servir como um veículo limitado para examinar as diferenças.

Quando falo em tensões, estou referindo-me a lugares nos quais as visões de mundo não se encaixam perfeitamente. Por exemplo, embora eu tenha me direcionado a uma sensibilidade pós-moderna e tenha questionado “verdades”, ainda encontro-me inclinada a um forte relacionamento experiencial com o mundo. Eu combati as questões relacionadas a esse modo de comunicação com o mundo e a compreensão de que meu conhecimento e experiência são construídos e fundamentados em um contexto sociocultural. Enquanto a teoria pós-moderna questiona os aspectos relacionais da pesquisa, as suposições universais, o

pensamento essencialista e fundacional e até mesmo a própria experiência, eu encontro uma conexão experiencial particular com o mundo. A Somática enraizou-me nesse aspecto experiencial do ser.

Assim, minhas histórias começam com a suposição de que existe um conflito entre as práticas somáticas e o pensamento pós-moderno. Enquanto pensadores como Richard Shusterman (2008) se esforçam para encontrar conexões entre a teoria somática e a prática, e aspectos culturais e sociais do corpo, eu acredito que este autor e muitos outros teóricos somáticos não reconhecem as tensões existentes entre esses modos de pensamento. No desenrolar da primeira história, acredito que existem muitos cruzamentos entre as experiências somáticas e o pensamento pós-moderno, mas não do modo como Shusterman e outros pensadores somáticos alegam.

A segunda narrativa propõe-se a explicar minhas ideias sobre a teoria social somática e problematizar a ausência da teoria emergente no campo da Somática que não vai além da experiência individual. Eu discuto os problemas que se referem à inclusão da Somática sob o guarda-chuva das “ciências da dança” – o que é perceptível em muitos programas de educação superior em dança nos Estados Unidos – e minha convicção aumenta sobre a inadequação de se usar um modelo científico para pensar sobre as práticas somáticas. A ciência é baseada em visões fundamentalmente diferentes da Somática. Enquanto essa reconhece visões do corpo em primeira pessoa, aquela tende a ver o corpo como uma substância objetivada, estudada do lado de fora. No entanto, mais uma vez, comecei a pensar sobre isso com mais complexidade quando convidada a participar de um programa de pesquisa quantitativa e qualitativa iniciado nas ciências.

Desse modo, minha intenção é olhar para a complexidade do pensamento nessas áreas, reconhecendo suas diferenças. Eu problematizo os binarismos, mas também busco considerar as diferenças.

A primeira história inclui muitas citações porque elas surgiram enquanto eu escrevia um capítulo em particular que me impeliu a este modo de pensamento. Uso essa história como um exemplo metodológico para demonstrar como minha

pesquisa leva a considerações teóricas. Entretanto, eu tento parafrasear tanto quanto possível.

Do humanismo ao pós-modernismo,² meu primeiro enigma apareceu quando eu fui convidada a escrever um capítulo para um livro sobre Somática e espiritualidade na dança. Esta tarefa foi um desafio porque, apesar de ter ficado imersa na pesquisa e no pensamento pós-positivista por mais de 25 anos, tenho lutado para reconciliar-me com minhas afinidades pelo pós-modernismo e pela espiritualidade na dança. Publiquei vários artigos e capítulos de livros sobre uma abordagem pós-moderna e de teoria crítica da Somática e da dança. (GREEN, 1993, 1996a, 1996b, 1996c, 1999, 2000, 2001a, 2001b, 2002/2003, 2004a, 2004b, 2007, 2008) Ao passo que meus interesses acadêmicos variavam e se transformavam, direcionei-me para um olhar mais pós-moderno, o que refletiu em minha metodologia de pesquisa e na crença de que a experiência é construída sociopolítica e culturalmente.

Minha narrativa autobiográfica pessoal marca essa transmigração teórica e oferece exemplos de minha contenda para definir espiritualidade, Somática e pós-modernismo. Ao longo dessa narrativa, eu falo de espiritualidade como uma conexão com o mundo, e de Somática como uma experiência sensorial. Apesar de a Somática poder fazer parte da espiritualidade de uma pessoa, a espiritualidade não é necessariamente parte da Somática. A narrativa começa quando eu era uma garotinha: quando criança, eu me lembro claramente das diversas vezes em que senti uma conexão profunda com o mundo ao experimentar uma sensação de existência elevada. Embora eu acredite ter sido estranho, sentir essa conexão tão jovem, eu tinha continuamente este sentimento de sintonia. Quando comecei a dançar, eu senti novamente um forte estado de conexão. Dançar, para mim, sempre esteve ligado à sensação de engajamento e conexão com algo que me parecia real e vivo. Quando eu tinha 20 e poucos anos, tentei buscar minhas raízes judaicas e tentei encontrar uma sinagoga que atendesse às minhas necessidades. No entanto, quando fui introduzida à religião, tive uma resistência imediata aos textos religiosos porque, a partir da minha interpretação, eles exigiam que as mulheres desistissem de suas vidas em prol dos maridos e também porque esses textos pareciam inspirar um medo de Deus, o que não fazia nenhum sentido para mim. Tive tempos difíceis entendendo essas histórias como “reais” e

2 Partes dessa seção estão presentes em um capítulo em que eu trabalhava enquanto escrevia este artigo. Atualmente o capítulo já foi publicado no livro *Dance, Somatics and Spiritualities*, organizado por Amanda Williamson, Glenna Batson, Sarah Whatley e Rebecca Weber. Ver Green (2014). Recentemente, uma versão do capítulo foi publicada em língua portuguesa na Revista Científica da Faculdade de Artes do Paraná. Ver Green (2017).

me senti desconectada de todas as religiões estruturadas dessa maneira. Eu as via como instituições patriarcais, com o intento de manter os cidadãos na linha e subservientes a um sistema religioso particular.

Após uma lesão enquanto estava fazendo meu mestrado na Universidade de Nova Iorque comecei a conhecer a Somática no curso de *Kinetic Awareness*® com Elaine Summers. Novamente tive uma profunda sensação de alegria e conexão fazendo este trabalho. Eu entrei no programa de Doutorado da Universidade Estadual de Ohio com a intenção de estudar a Somática como uma área de estudo humanista e de autoafirmação. Percebi que ela poderia oferecer aos estudantes um senso de totalidade e harmonia, como eu senti trabalhando com dança e *Kinetic Awareness*®.

No entanto, minha noção de mundo ficou abalada quando comecei a estudar com Patti Lather, uma teórica da educação pós-moderna, e descobri outro universo de pensamento, o pós-modernismo. Assim como minha experiência anterior de religião organizada, eu comecei a pensar criticamente enquanto eu passava a questionar o que eu sabia e como sabia. O pós-modernismo questiona a teoria do conhecimento, o individualismo, a essência, a experiência, a verdade e até a ideia de holismo. Ele aponta para um pluralismo de verdades e reconhece a diferença e a fragmentação; investiga verdades parciais e revela “as grandes narrativas” escritas por uma autoridade política dominante.

Então, comecei a entender que meu conhecimento e minha experiência são construídos de forma sociopolítica e cultural. Constatei que valorizo uma mudança de pensamento quando ela é necessária para enfrentar o crescimento multidimensional e a diversidade de um *milieu*. Cheguei à conclusão que não podemos supor que todos vivenciam o mundo do mesmo modo. Além disso, descobri o pós-modernismo como uma aventura criativa – onde as respostas nem sempre são objetivas, nem a forma de apresentar ou realizar ideias. Eu estava sintonizada com um mundo de complexidade e justaposições de pontos de vista e epistemologias.

Quando fui contratada para ensinar no Departamento de Dança da Universidade da Carolina do Norte, em Greensboro, eu ensinava dança-educação e Somática. Desde o início da minha carreira, após a minha pesquisa de doutorado, usei as lentes pós-positivistas para enxergar o mundo. No entanto, enquanto aderiria a esta

abordagem, tive essa sensação de conexão mais uma vez; agora na Carolina do Norte, casada outra vez e vivendo no campo, em um terreno de quinze acres. Como nativa da cidade de Nova Iorque, eu nunca havia vivenciado as árvores, a flora e a fauna de maneira tão conectada e profunda. Eu acreditava em um ponto de vista pós-moderno, mas sentia-me conectada à Terra e à vida de maneira profunda.

Esta virada pós-moderna deixou-me numa posição difícil. Fui movida pelo pensamento pós-moderno porque senti que era uma maneira de celebrar a diferença e reconhecer aqueles que podem ser desprivilegiados, no entanto, eu não queria desistir da ideia de experiência, porque ela me servia bem na vida e me conectava com o mundo. São os aspectos experienciais e relacionais da vida que eu não estava disposta a diminuir. Além disso, o trabalho com a Somática me manteve mais enraizada neste aspecto experiencial do ser. Comecei a reestruturar a Somática e enxergá-la através de lentes pós-positivistas; consciente das questões pós-modernas, e, ainda assim, aberta à experiência. (GREEN, 1993, 1996a, 1996b, 1996c, 1999, 2000, 2002/2003, 2004a, 2004b, 2007, 2008)

Dentro desse mundo de posicionamentos conflitantes, eu me perguntava: “Como eu poderia negociar o valor de epistemologia somática baseada no mundo da experiência e do holismo quando reconheci a fragmentação do conhecimento e o choque entre as ideias de ‘verdade’ que constantemente se batem umas contra as outras?” Comecei a fazer isso questionando pressupostos que tendem a orientar o campo da Somática, como “experiência universal”, “holismo” e a necessária ‘bondade’ das práticas somáticas. (GREEN, 2014)

Então, encontrei-me em um lugar onde comecei a adotar conscientemente paradigmas concorrentes para entender a Somática. Através desse processo, eu desenvolvi a ideia de teoria social somática.³

Enquanto eu pesquisava espiritualidade e pós-modernismo, comecei também a perceber que alguns acadêmicos estavam começando a ultrapassar as barreiras associadas à espiritualidade e ao pós-modernismo, distanciando-se de uma abordagem de “ou isso ou aquilo”. Por exemplo, Besecke (2001) abraça a ideia de uma espiritualidade reflexiva, focada na cultura; Gatens-Robinson (1984) propõe uma abordagem feminista da espiritualidade; Riley (2002) discute sobre o retorno

3 A teoria social-somática baseia-se nas ideias de escritores como Don Johnson e Elizabeth Behnke, que abordam questões de autoridade corporal e demonstram como nossos corpos são moldados pelas culturas em que vivemos. A partir dessa perspectiva, a cultura ocidental cria o mito de uma separação corpo/mente. No entanto, esta separação não divide simplesmente as nossas mentes dos nossos corpos e favorece a mente em detrimento do corpo. Em vez disso, há uma obsessão ativa com o corpo como uma entidade objetiva e mecânica. Há um foco no corpo, mas como um instrumento mecânico e não como um soma. Através de uma normalização sobre como os corpos deveriam ser e agir, a cultura dominante mantém o controle à medida que as pessoas abandonam sua autoridade corporal. Deveríamos dizer que essa teoria pode ser usada de maneira afirmativa, à medida que as pessoas são capazes de um maior agenciamento, pois o corpo é usado como resistência às normas culturais.

do sagrado na teoria pós-moderna; Roof (1993) reconstrói a ideia de espaço religioso de uma perspectiva pós-moderna; Sutherland, Poloma e Pendelton (2003) consideram a religião e a espiritualidade a partir da perspectiva das práticas alternativas de saúde, analisando criticamente a medicalização da saúde; Vento (200) descreve a redescoberta do sagrado, do sentido secular ao sentido pós-moderno de sagrado; Williamson (2010) inclui abordagens pós-modernas e críticas à espiritualidade em sua análise das abordagens teóricas da espiritualidade. Esses autores pós-modernos apresentam uma espiritualidade plural que se conecta com a comunidade, permite experiências e significados divergentes e fundamentam a espiritualidade na construção do Eu e da realidade.

Concluí esta narrativa refletindo sobre minha posição final:

Fazendo uma retrospectiva das minhas experiências e dos meus pontos de vista sobre espiritualidade em relação à somática e ao pós-modernismo, encontro algumas zonas de cruzamento. Estas definições de 'espiritualidade', incluindo a somática e as ideias com orientações pós-modernas e orientais, tendem a afastar-se de um sentido dominante e aproximar-se de uma definição mais pluralista. Como sugere Williamson (2010, p. 40), 'as verdades e fé espirituais pessoais são instrumentalmente moldadas pelo panorama sociocultural mais amplo' e afastam-se da religião como uma instituição. Definições de espiritualidade, portanto, podem ser maleáveis. Assim como a somática tende a abraçar uma relação mais pessoal e subjetiva com o mundo, o pós-modernismo também reconhece que o mundo não é objetivo.

Ainda existe, entretanto, uma tensão entre somática/definições experienciais e conceitualizações pós-modernas nesse corpus bibliográfico. Enquanto as descrições somáticas e experienciais tendem a proporcionar uma experiência relacional com o mundo e dar valor à essência, à verdade e ao holismo, não se pode negar que o pós-modernismo questiona o individualismo e o materialismo ao mesmo tempo em que reconhece a fragmentação, a diferença e as verdades parciais.

Mas minha maior questão, todavia, é: “Existe uma maneira de poder negociar essas diferenças e ainda abraçar partes das visões de mundo opostas?” Talvez nós possamos se estivermos conscientes dessas tensões e diferenças, e também se não evitarmos as epistemologias divergentes das quais elas se originam.

O pós-modernismo não apenas proporciona uma outra maneira de enxergar a espiritualidade, mas também aborda o estado do universo. Por exemplo, em um universo de diferença, que está se tornando menor com culturas constantemente em movimento, o pós-modernismo reconhece uma certa justaposição de vozes e pontos de vista. Compreender um mundo pós-moderno talvez signifique perceber que a diferença e as visões de mundo opostas podem coexistir. Nesse sentido, seria possível dar valor a aspectos de um posicionamento e, ao mesmo tempo, encontrar afinidades com uma visão de mundo oposta. Nesse espírito de pós-modernismo, posso ser capaz de reconhecer a sua pluralidade e o reconhecimento de verdades parciais, mantendo a conexão com a experiência. Acredito, porém, que devo reconhecer, por exemplo, que a somática pode não trazer todas as respostas e, assim como todas as coisas, é impulsionada por valores - não há conhecimento que seja neutro em termos de valor (JOHNSON, 1992). Conforme eu sugeri em artigos anteriores (GREEN, 2000, 2001a, 2001b, 2002-03, 2004a, 2004b), a somática - e no caso agora também a espiritualidade - não deveria ser romanceada ou vista como uma panaceia para todas as doenças do universo, mas como uma ferramenta que pode nos ajudar a nos conectar com o universo e tornar visíveis suas questões e seus problemas-chave. Sem questionar nossos motivos através de um processo autorreflexivo, podemos estar apenas repetindo as grandes narrativas e verdades parciais que tentamos desafiar.

Em outras palavras, sob uma perspectiva pós-moderna, percebo que a experiência é construída. Eu posso validar a experiência, mas com a consciência de que minhas experiências contêm

verdades parciais, suposições e vieses que podem não aplicar-se a grupos desprivilegiados ou outros. Posso considerar que minhas experiências são espirituais no sentido em que me conectam com o mundo, mas dentro de uma construção de espiritualidade que é parcial, e não igual para todos. Outras pessoas podem ter construções diferentes de espiritualidade.

Desse modo, uma espiritualidade pós-moderna é, para mim, aquela que desconstrói a realidade, a verdade e o conhecimento enquanto me permite abraçar a experiência e a conexão. Nesse sentido pós-moderno, eu posso reconhecer diferentes epistemologias e ainda estar consciente de que há tensões entre estas escolas de pensamento. Essa pode parecer uma conclusão fácil e apropriada para esta discussão, mas é essa a ideia que eu posso empregar para falar honestamente sobre como os pontos de vista frequentemente se chocam uns contra os outros. (GREEN, 2017, p. 171-173)

Portanto, nessa narrativa eu uso a espiritualidade como um exemplo de cruzamento das fronteiras do pensamento filosófico em relação à Somática e à dança. Descrevo como eu rompo com os binarismos das visões de mundo experienciais e pós-modernas, mas com cautela contra uma mera junção das duas sem análise, sem autorreflexão e sem o reconhecimento das diferenças entre as duas teorias.



PESQUISA PÓS-POSITIVISTA E CIÊNCIA

Enquanto a primeira narrativa explora teorias e visões de mundo somáticas e pós-modernas, a segunda olha para a pesquisa das perspectivas da Somática e da ciência. Ela também fala sobre o processo de pesquisa em si e sobre as ideias que a fundamentam.

Este segundo dilema surgiu quando eu fui solicitada a colaborar com uma cientista em um projeto somático. Durante anos eu fui cética em relação à ciência como o único caminho para se fazer questionamentos. As disciplinas de metodologia que cursei durante o doutorado me ensinaram que nenhum conhecimento é livre de valores intrínsecos e que há uma hierarquia estabelecida na academia que abraça e recompensa as ciências duras e rejeita outros métodos de coleta de informação. Mesmo evitando rejeitar a ciência e suas contribuições para a saúde, eu era consciente das diferenças na fundamentação filosófica entre a ciência e o pós-modernismo, ou entre o positivismo e o pós-positivismo. Conforme exposto em um capítulo que escrevi com Sue Stinson:

Os positivistas geralmente tendem a afirmar que a realidade é descoberta - que há uma verdade real ou uma grande verdade que nós podemos encontrar. Os pós-positivistas, ao contrário, tendem a acreditar que a realidade é socialmente construída - que nós construímos a realidade conforme nos posicionamos no mundo e que a maneira como enxergamos a realidade e a verdade está relacionada com a perspectiva através da qual estamos olhando.

Epistemologicamente, os positivistas tendem a afirmar que nós podemos conhecer uma realidade 'verdadeira' e que, utilizando métodos objetivos de pesquisa, nós podemos descobrir a 'verdade'. Em oposição, muitos pesquisadores pós-positivistas rejeitam a reivindicação de que a pesquisa pode ser livre de valores ou de que uma só verdade pode ser encontrada através de métodos objetivos de pesquisa. Ademais, alguns pós-positivistas acreditam que a subjetividade não é somente inevitável, mas que pode ser inclusive útil no sentido de dar aos pesquisadores e participantes uma compreensão mais significativa das pessoas e dos temas da pesquisa. Ao aceitar uma realidade socialmente construída, nós compreendemos que nosso sistema de crenças, ou as histórias que contamos sobre quem somos, podem ser inconsistentes e não confiáveis no sentido positivista, porque elas variam a cada vez que as contamos.

Consequentemente, a confiabilidade como princípio básico da pesquisa científica empírica é considerada pelos pesquisadores qualitativos como igualmente impossível enquanto objetividade. (GREEN; STINSON, 1999, p. 93-94)

Com esta abordagem de pesquisa, fui cautelosa sobre o que parecia estar acontecendo na educação superior dos Estados Unidos. Parecia que o campo da Somática estava sendo mantido sob o guarda-chuva das ciências da dança. Durante o *Dancing in the Millennium Conference* (Colóquio Dançando no Milênio), em Washington-DC, em julho de 2000, eu problematizei a suposta conexão entre a Somática e a ciência da dança:

Até o momento, a Somática tem sido agrupada com as 'ciências da dança'. Tem havido inúmeros colóquios, simpósios, comitês de organização e publicações focadas no tema da 'ciência da dança e a Somática'. Além disso, as disciplinas exigidas ou oferecidas em muitos programas de dança universitários são muitas vezes vislumbradas em torno do estudo somático como um complemento ao estudo da anatomia e da cinesiologia. Inclusive, determinadas vagas de emprego muitas vezes exigem experiência tanto em ciências da dança quanto em somáticas. Elas são muitas vezes combinadas como um campo de especialização. (GREEN, 2001c, p. 156)

Apesar de perceber que existem boas razões para que estes campos estejam inter-relacionados e reconhecer que a ciência pode ser fundamental para muitas práticas somáticas, acredito que há diferenças significativas nestas abordagens. Enquanto as ciências geralmente enxergam o corpo como uma entidade objetiva com características particulares que podem ser observadas da perspectiva da terceira pessoa, a Somática reconhece as mensagens proprioceptivas internas que informam o corpo. Consequentemente, elas operam a partir de diferentes epistemologias ou maneiras de conhecer o mundo. "Enquanto as ciências da dança buscam por verdades objetivas, a Somática pode não buscar a verdade como fato mensurável, mas como a pessoa constrói o próprio corpo de um ponto de vista subjetivo". (GREEN, 2001c, p. 160)

Assim, eu mantive que a Somática rejeita o dualismo corpo/mente. Esta separação nos afasta das experiências de nossos corpos e resulta frequentemente em desconexão dos nossos sinais internos proprioceptivos e de nossos somas enquanto corpos vivos. Por exemplo, um corpo com uma postura desalinhada – modelo usado frequentemente na mídia ocidental – é suscetível a uma falta de domínio corporal porque há uma ausência de conexão e força, considerando que pode ser difícil movimentar a energia através de tal “modelo” corporal. Enquanto algumas poses podem vender revistas e normalizar uma sexualidade em particular, elas podem criar dançarinos fracos. Esses dançarinos podem ser influenciados por tais ideais. Ao desconectar as pessoas de sua natureza sensorial e sensual por meio da imposição de modelos externos de “corpos ideais”, ou padrões de como o corpo “deveria ser” e agir, a cultura dominante mantém o controle enquanto as pessoas dos grupos oprimidos desconfiam de seus próprios impulsos sensoriais e abandonam sua autoridade corporal. Ainda, de acordo com Johnson (1992 apud GREEN, 2000), isso permite que a exploração e o sofrimento humano ocorram em nome da ciência.

Assim, partindo dessa perspectiva, eu me fundamentei profundamente no pensamento centrado ao redor das construções sociais dos corpos. Não parecia provável que eu trabalharia de um jeito científico ou que eu abriria mão de meu trabalho com a teoria social somática. Honestamente, eu havia definido um lado sobre a conceitualização binária da teoria do corpo.

Contudo, após compartilhar meu interesse na Somática, especialmente em *Kinetic Awareness*® e saúde com um grupo colaborativo das áreas de Cinesiologia e Educação em Saúde Pública, perguntaram-me se eu estaria interessada em colaborar com um estudo focado em mulheres com câncer de mama. Minha reação imediata foi gentilmente recusar a oferta. Mas por alguma razão eu sinalizei que poderia estar interessada. Quando o grupo trouxe uma consultora em ciências do exercício e o projeto começou a ser formulado em torno da ciência e a buscar subvenção, eu estava prestes a agradecer e me retirar, porque eu senti que teria de abrir mão do aspecto sociocultural do meu trabalho. Esta consultora dedicou grande parte de seu tempo solicitando subvenções e realizando estudos científicos que apoiavam intervenções alternativas em cuidados com saúde. Seu trabalho era completamente científico. Ela ganhou uma imensa quantidade de subvenções para seus estudos. Eu fiquei deveras intimidada e senti que não

havia a mínima possibilidade de eu fazer este tipo de pesquisa em minha vida acadêmica, pois isso significaria desistir de tudo em que eu acreditava.

Mas então eu comecei a pensar sobre como este projeto poderia ser útil para mulheres com câncer de mama, e também sobre levar a Somática para uma esfera mais pública, bem como o que eu estava fazendo com *Kinetic Awareness*[®]. Eu informei a todos que eu não fazia pesquisa científica e eles me disseram que seria interessante ter uma pessoa da Ciência do Exercício fazendo a parte quantitativa do estudo e eu fazendo a parte qualitativa. Ainda tinha reservas por causa das minhas questões políticas sobre o sujeito, mas eu entendi que eu poderia escrever minha parte a partir das minhas perspectivas e que eu teria autoridade para formatar minha escrita. Eu ainda estava preocupada porque teria que falar de áreas temáticas como sono, qualidade de vida, etc., e eu não havia feito pesquisa intervencionista da forma como é feita nas profissões de saúde. Mas eu resolvi que poderia tentar trazer minha inclinação cultural/política e ao mesmo tempo satisfazer as necessidades deles.

Além disso, durante este processo, passei a ouvir mais e mais sobre colaborações entre ciência e dança, além de outros tópicos que passaram a me interessar, como ciências cognitivas e teoria do caos. Precisando negociar com duas abordagens de perspectivas conflitantes, comecei a considerar que seria possível situar-se em dois lugares ao mesmo tempo.

Apesar das dificuldades, as barreiras começaram a se tornar cada vez mais fluidas para mim. Perguntei-me se eu não estaria me vendendo e deixando de defender minhas crenças, mas novamente eu comecei a combinar ambos os aspectos (descobertas em saúde e questões sociais) ao analisar os dados e escrever o artigo, na tentativa de encontrar dados que indicassem não somente descobertas específicas em saúde, mas também as implicações sociais além das ciências duras. Foi então que eu encontrei um jeito de fazer isso. No entanto, na tentativa de me manter mais aberta sem abrir mão de meu território epistemológico, encontrei-me em uma situação difícil. Terminei com um manuscrito com o qual eu não estava satisfeita porque ele não refletia suficientemente meu posicionamento filosófico.

Eu não estou dizendo que não gostaria de ir por este caminho novamente porque isso não me permitiu ter uma agenda e posicionamento consistentes de pesquisa. Mas sim que eu reconheci a complexidade das questões e como, às vezes, nós precisamos romper com o que nós enxergamos como binarismos e nem sempre olhar para tudo como uma proposição de “ou isso ou aquilo”, mas sim de permitir a fluidez teórica.

E mais ainda, por ter revisado e avaliado muitos manuscritos de novos pesquisadores que parecem escolher e selecionar aspectos de paradigmas que se encaixam às suas necessidades, eu sei que existe um perigo também nas fronteiras fluidas. Primeiro pode ser importante compreender as diferenças e respeitar as fronteiras antes de abri-las ou de se mover através delas.



DISCUSSÃO

Essas duas histórias explicam o motivo pelo qual eu mantenho a ideia de um corpo como uma construção social, mas problematizo uma abordagem dogmática que não considera a sobreposição teórica.

Essas narrativas fornecem exemplos de contendas atuando dentro de estruturas teóricas que não se encaixam tão perfeitamente. Além disso, elas referem-se à necessidade de se livrar do pensamento binário sem também reconhecer o problema em combinar ideias contraditórias, não reconhecendo as tensões entre elas. Embora alguns pesquisadores e profissionais somáticos encarem a tensão como algo de que é necessário se livrar, reconhecê-la pode levar a uma compreensão mais profunda sobre as questões.

As histórias sugerem que existem tensões entre a teoria e a prática somática, o pós-modernismo e o método científico. Enquanto os pós-modernistas tentam enxergar o que está faltando e investigar narrativas parciais que não são neutras ou

livres de valor, a teoria somática geralmente segue o conceito de Thomas Hanna da Somática como corpo vivo, separado das influências sociopolíticas e culturais.

Entretanto, o campo tem crescido e expandido para incluir a teoria social somática e teóricos como Don Johnson (1992) que reconhecem influências externas sobre os corpos. Além disso, existem críticas à teoria somática e às acusações de que elas não necessariamente reconhecem aspectos socioculturais de corpos construídos. Eu critico, por exemplo, o dogma essencialista em torno do pensamento somático através da minha escrita sobre a teoria social somática.

Isabelle Ginot, como mais um exemplo, desconstrói a teoria da somaestética de Shusterman. Embora ela trate de definir a Somática como um modo de pensar e praticar com uma epistemologia e não reconhece que a Somática não é um monolito, ela aponta como problemático o modo de ver a Somática como “[...] um antídoto às práticas dominantes de dança”. (GINOT, 2010, p. 12) Ela examina como a Somática tem sido abordada e encontra, por exemplo, sua relação com a problemática da ciência, bem como a “[...] substituição de uma consciência política e social por uma consciência somática que encara o sujeito como fechado e autônomo”. (2010, p. 23)

Ginot sugere que o trabalho de Shusterman é problemático porque possui um foco limitado que não inclui os aspectos principais do trabalho que ele cita. Uma forma pela qual o trabalho de Shusterman é limitada é que ele alinha o pensamento de Foucault com sua própria ideia de “somaestética” e afirma que o trabalho de Foucault representa uma “consciência corporal” e um nível experiencial de corporalização. (SHUSTERMAN, 2008) Contudo, ele não considera as diferenças entre as visões de corpo Foucaultianas e a Somática. Foucault dedicou-se ao poder e às suas relações com o conhecimento. Seus estudos abordam o corpo como um lugar de controle e poder social e político. Embora existam conexões entre a teoria somática e o pensamento Foucaultiano, existem inúmeras tensões entre esses modos de pensamento. Por exemplo, Foucault não gostava da ideia de experiência corporal e suspeitaria do uso do trabalho pedagógico através do corpo. Apesar de ter olhado para o corpo como um lugar de manipulação e controle político e estudado isso como um efeito da cultura em que vivemos, seus escritos sugerem uma suspeita sobre as conceitualizações somáticas típicas, como experiência e prática corporal.

(FOUCAULT, 1979, 1980) Conforme sinaliza Frank (1990, p. 132), “a contribuição de Foucault para o estudo do corpo - além de seus estudos como um local de violência política - é uma autorreflexão reforçada sobre o projeto do próprio corpo”.

Em outras palavras, Foucault não reivindica que o corpo pode nos proporcionar uma verdade fundamental ou que uma educação através do corpo pode libertar as pessoas de regras sociais opressivas e regimes autoritários. Sua escrita oferece outra abordagem calcada na crítica às instituições através dos discursos criados por uma cultura dominante. Ele seria cauteloso sobre as práticas somáticas por causa de seu clamor de que a experiência é baseada em como nossa percepção tem sido socialmente construída. Ele ficaria desconfiado de qualquer reivindicação de autoridade “experencial” ou “somática”.

Outrossim, Don Johnson (1992) salienta o perigo de se usar as práticas somáticas como uma panaceia para todas as doenças do universo sem situar o discurso em um contexto social maior. Ele sugere que, ao focarmos somente na experiência corporal individualista, podemos estar nos hipnotizando com o mundo exterior e com os problemas que Foucault aborda em suas análises históricas.

Todavia, pode-se reconhecer que, embora Foucault tenha rejeitado a prática e a experiência corporal no início de sua carreira, em sua segunda parte ele passou a “[...] refutar a autonomia do discurso” (MCNAY, 1993, p. 27) e a referir-se ao aspecto corporal da vida. Ele reconheceu que “[...] o discursivo e o material estão ambos conectados em uma relação simbiótica” (1993, p. 27). Assim, mesmo que tenha suspeitado das noções corporais e da experiência do corpo em seus primeiros anos, ele tornou-se mais receptivo a estes aspectos mais tarde em sua vida.

Apesar de Foucault ter se tornado mais receptivo às conceitualizações corporais mais tarde em sua vida, Shusterman por vezes interpreta mal a intenção de Foucault. Shusterman critica os aspectos sexuais do trabalho de Foucault, mas não parece estar consciente de que o âmago de seu trabalho problematizou uma somaestética e não encontrou solução alguma para o problema através da prática somática. Em vez disso ele olhou para o corpo com as lentes da história e explicou claramente suas ideias através de uma análise da linguagem. Eu compreendo a ideia de Foucault sobre “cuidado de si” como uma receita social proveniente

de organizações que tentam controlar as pessoas por meio de um foco em seu próprio comportamento, não como uma receita para a saúde e a corporalização.

Assim, o alinhamento de Shusterman com Foucault pode ser uma falsa receita. Shusterman nunca se refere a como a experiência corporal é influenciada por algo que esteja fora de uma visão individualista.

Este pode ser um exemplo de como as diferenças no pensamento podem ser frequentemente ignoradas nas teorias somáticas e do corpo. As ideias de Shusterman estão mais inteiramente alinhadas com Merleau-Ponty e a fenomenologia, porque ambos enxergam o corpo como experiência. Mas sua escrita sobre Foucault não se refere às tensões entre o pensamento pós-moderno e a Somática.

Para encerrar, através das minhas histórias, busco usar relatos reflexivos do trabalho acadêmico para demonstrar que o movimento está preso em binarismos para a identificação da fluidez e das complexidades do pensamento relacionado à Somática, ao pós-modernismo e à ciência. Mas, ao mesmo tempo, isso não pode ser realizado sem compreendermos as diferenças completas de abordagem e clareza de pensamento enquanto nos movemos através dos limites. Deixo este exercício metodológico acreditando que pensar em um ou outro termo limita o escopo do conhecimento. No entanto, aceitar toda a teoria que trata dos corpos é simplista porque confunde o significado da mensagem. Eu vejo o trabalho de Shusterman como uma abordagem unilateral que tenta vender ideias, em vez de fornecer uma análise crítica das questões.

Continuo argumentando que a teoria somática não é uma caixa fechada e que a prática somática não é uma panaceia para todas as doenças do mundo. Eu tenho visto a prática somática sendo usada como um modo de doutrinar os estudantes ou mesmo para abusar deles, como no caso do homem que tentava ajudar suas clientes a se libertar de experiências abusivas deitando-se em cima delas a fim de aliviar seu sofrimento. No entanto, acho que a Somática é uma ferramenta prática que pode ser usada para colocar as pessoas em contato com seus corpos, mesmo que sejam corpos socialmente construídos e fluidos.

Finalmente, eu não tenho respostas fáceis, a não ser que devemos ficar atentos às crenças inerentes que adaptamos quando adotamos a Somática sem uma análise crítica. Ao mesmo tempo, eu não quero abrir mão do aspecto experiencial da Somática. A pesquisa em dança deve ser mais do que um processo mental. Mas eu sinto a necessidade da auto reflexão ao valorizar a experiência como um conceito individualista e estático.

Podemos estar vivendo em um período em que talvez seja o momento de reconhecer tanto o valor e a humanidade de nossos corpos em conexão com a Terra, quanto a experiência, ao mesmo tempo em que também criticamos os problemas associados ao pensamento baseado apenas na experiência. Talvez seja hora de romper um pouco as barreiras, mantendo o pensamento fundamentado e as posições consistentes para reconhecer as construções sociais e a cultura.



REFERÊNCIAS

BESECKE, K. Speaking of meaning in modernity: reflexive spirituality as a cultural resource. *Sociology of Religion*, Oxford, v. 62, n. 3, p. 365-381, 2001.

FOUCAULT, M. *Discipline and Punish: The Birth of the Prison*. New York, NY: Vintage, 1979.

FOUCAULT, M. *The History of Sexuality: Vol. 1. An Introduction* (Trans. R. Hurley). New York: Vintage Books, 1980.

FRANK, A. Bringing bodies back in: a decade review. *Theory, Culture & Society*, v. 7, n. 1, p. 131-162, 1990.

GATENS-ROBINSON, E. Finding our feminist ways in natural philosophy and religious thought. *Hypatia*, West Chester, v. 9, n. 4, p. 207-228, 1984.

GINOT, I. From Shusterman's somaesthetics to a radical epistemology of Somatics, *Dance Research Journal*, v. 42, n. 1, p. 12-29, 2010.

GREEN, J. *Fostering creativity through movement and body awareness practices: a postpositivist investigation into the relationship between somatics and the creative process*. 1993. 303 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Ohio State University, Columbus, 1993.

GREEN, J. Choreographing a postmodern turn: The creative process and somatics. *Impulse*, Champaign, IL, v. 4, n. 4, p. 267-275, 1996a.

GREEN, J. Moving through and against multiple paradigms: postpositivist research in somatics and creativity - Part I. *Journal of Interdisciplinary Research in Physical Education*, Peosta, v. 1, n. 1, p. 43-54, 1996b.

GREEN, J. Moving through and against multiple paradigms: postpositivist research in somatics and creativity - Part II. *Journal of Interdisciplinary Research in Physical Education*, Peosta, v. 1, n. 1, p. 73-86, 1996c.

GREEN, J. Somatic authority and the myth of the ideal body in dance education. *Dance Research Journal*, Cambridge, v. 31, n. 2, p. 80-100, 1999.

GREEN, J. Power, service, and reflexivity in a community dance project. *Research in Dance Education*, Londres, v. 1, n. 1, p. 53-67, 2000.

GREEN, J. Emancipatory pedagogy?: Women's bodies and the creative process in dance. *Frontiers*, Lausanne, v. 21, n. 3, p. 124-140, 2001a.

GREEN, J. Socially constructed bodies in American dance classrooms. *Research in Dance Education*, Londres, v. 2, n. 2, p. 155-173, 2001b.

GREEN, J. Towards a globalization of dance research: the scholarly disciplines In: CONGRESS ON RESEARCH IN DANCE - TRANSMIGRATORY MOVES: DANCE IN GLOBAL CIRCULATION, 2001, New York. *Proceedings[...]* New York, NY: Congress on Research in Dance, 2001c. p. 156-60.

GREEN, J. Foucault and the training of docile bodies in dance education. *Arts and Learning*, Arizona, v. 19, n. 1, p. 99-126, 2002/2003.

GREEN, J. The body politic: constructions of health and healing in dance education. In: NATIONAL DANCE EDUCATION CONGRESS, 2004, East Lansing, MI. *Proceedings[...]* East Lansing, MI: Michigan State University, 2004a.

GREEN, J. The politics and ethics of health in dance education in the United States. In: ANTTILA, E.; HAMALAINEN, S; ROUHAINEN, L. (Ed.). *The Same Difference? Ethics and Politics Embodied in Dance*. Helsinki, Finlândia: Theatre Academy of Finland, p. 65-76, 2004b.

GREEN, J. American body pedagogies: somatics and the cultural construction of bodies. In: CONGRESS ON RESEARCH IN DANCE - CORD, 2007, New York. *Proceedings[...]* New York, 2007.

GREEN, J. Les Politiques et Éthiques de la Santé en Éducation de la Danse aux États-Unis. In: FORTIN, S. (Ed.). *Les Politiques et Éthiques de la Santé en Éducation de la Danse aux États-Unis*. Montreal: Presses de l'Université du Québec à Montréal, 2008. p. 169-180.

GREEN, J. Postmodern spirituality?: A personal narrative. In: WILLIAMSON, A. et al. (ed.). *Dance, Somatics and Spiritualities: contemporary Sacred Narrative*. Bristol: Intellect, 2014. p. 195-208.

GREEN, J. Espiritualidade Pós-Moderna? Uma narrativa pessoal. Tradução de Diego Pizarro e Ludimila Mota Nunes. *Revista Científica FAP*, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 159-175, jul./dez. 2017.

GREEN, J.; STINSON, S. Postpositivist research in dance. In: FRALEIGH, S. H.; HANSTEIN, P. (ed.). *The Art of Research: Systematic Inquiry in Dance*. Pittsburgh, PA: University of Pittsburgh Press, 1999. p. 91-123.

JOHNSON, D. *Body: Recovering our Sensual Wisdom*. Berkeley: North Atlantic Books and Somatic Resources, 1992.

MCNAY, L. *Foucault and Feminism*. Boston, MA: Northeastern University Press, 1993.

RILEY, A. T. Durkheim contra Bergson? The hidden roots of postmodern theory and the postmodern "Return" of the sacre. *Sociological Perspectives*, v. 45, n. 3, p. 243-65, 2002.

ROOF, W. C. Toward the year 2000: Reconstructions of religious space. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, n. 527, maio, p. 155-170, 1993.

SHUSTERMAN, R. *Body Consciousness: a philosophy of mindfulness and somaesthetics*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2008.

SUTHERLAND, J. A.; POLOMA, M. M.; PENDELTON, B. F. Religion, spirituality, and alternative health practices: the baby boomer and the cold war cohorts. *Journal of Religion and Health*, New York, v. 42, n. 4, p. 315-38, 2003.

VENTO, A. C. Rediscovering the sacred: from the secular to a postmodern sense of the Sacred. *Wicazo Sa Review*, Minnesota, v. 15, n. 1, p. 183-205, 2000.

WILLIAMSON, A. Reflections and theoretical approaches to the study of spiritualities within the field of somatic movement dance education. *Journal of Dance & Somatic Practices*, Coventry, v. 2, n. 1, p. 35-61, 2010.

DRA. JILL GREEN: é professora PhD da University of North Carolina at Greensboro (UNCG), onde dirigiu a Pós-Graduação em dança, desenvolveu pesquisas e ensinou Somática, Estudos do Corpo e Pedagogia, além de coordenar um curso para a certificação da prática somática Kinetic Awareness® em seu próprio estúdio. Foi pesquisadora da Fullbright na Finlândia e coeditora do Dance Research Journal. Sua pesquisa tem sido publicada consistentemente ao longo de três décadas e seus artigos têm integrado os periódicos de maior projeção acadêmica nos Estados Unidos e na Europa. Contato: jigreen@uncg.edu

DIEGO PIZARRO: é professor do Instituto Federal de Brasília (IFB) no Curso de Licenciatura em Dança, Mestre em Arte Contemporânea pela Universidade de Brasília, Doutorando em Artes Cênicas na Universidade Federal da Bahia sob a orientação da Dr^a Maria Albertina S. Grebler. Realizou estágio de pesquisa (Doutorado Sanduíche) na *University of North Carolina at Greensboro* (UNCG), sob orientação da Dr^a Jill Green, como bolsista da Capes/PDSE/Processo n° 88881.187880/2018-01. Dançarino, Coreógrafo e Educador Somático certificado em *Teacher of Body-Mind Centering™* e Cadeias Musculares e Articulares Método GDS®. Coordena o Grupo de Pesquisa e Extensão CEDA-SI, Coletivo de Estudos em Dança, Educação Somática e Improvisação. Contato: diego.pizarro@ifb.edu.br

MARIA ALBERTINA SILVA GREBLER: é professora Associada da Universidade Federal da Bahia, onde leciona na Graduação da Escola de Dança e na Pós-Graduação da Escola de Teatro. Doutora em Artes Cênicas na Universidade Federal da Bahia com estágio de pesquisa na Universidade Paris 8 sob orientação de Isabelle Launay. Mestrado (MFA) na *Temple University*, Philadelphia. sob orientação de Ann Vachon. Dançarina, coreógrafa e fundadora da Companhia de Dança Contemporânea Tran-Chan (1980-2002), que produziu cerca de 15 espetáculos e projetos que divulgaram a Escola de Dança no Brasil, no Chile, Colômbia, Alemanha e Estados Unidos. Interesse de pesquisa na área da História e Modernidade da Dança, Técnicas da Dança, Pedagogia da Dança, Práticas Somáticas e Videodança. Contato: bettigrebler@gmail.com